Escrito de Jean-Pierre Cotey
para o 20 NOV. 93

TL7085

Xanana Gusmão

(ensaio de biografia)

José Alexandre Gusmão nasceu no dia 20 de Junho de 1946 em Laleia (Manatuto). Estudou no seminário de Dare dirigido pelos padres jesuítas e depois no liceu de Dili.

Casado em 1971 com Emília, tiveram dois filhos: Eugénio (Nito) em 1972 e Zenilda em 1975. Ao mesmo tempo que trabalhava na administração civil, Xanana estudava à noite. Emília trabalhou sucessivamente nos serviços das Obras Públicas e da Educação.

Pouco antes do 25 de Abril de 1974 o casal pensava emigrar para a Austrália. Xanana chegou a ir para Darwin explorar o terreno. Quando voltou em Outubro de 1974, a sociedade timorense estava em plena ebuliçã com a criação dos partidos políticos. Emília lembra-se que Xanana foi convidado por todos os partidos; ela perguntou então ao marido se não iam para a Austrália: **"Não vamos,** respondeu Xanana**, a minha terra precisa de mim"** *(Diário de Noticias, 18/7/91)*

Xanana levou algum tempo a responder aos convites para entrar num partido: **"Não me interessava a política, razão pela qual ingressei muito tarde na Fretilin"** dirá mais tarde, e explica porque o fez: **"Só o desejo de liberdade e a constatação das aspirações mais profundas do Povo Maubere foram a motivação política para eu encarar as minhas próprias deficiências"**. Os seus colegas descrevem-no como **"muito reservado, amante de poesia e demonstrando grande capacidade de observação e análise política"** *(Tapol, n.114)*. Xanana recebe nessa altura um prémio pela sua poesia.

De Agosto de 1975 e até à invasão, a Fretilin assume a administração de facto de Timor-Leste. Xanana trabalha então no departamento de informação da Fretilin. Quando as tropas de Jacarta atacam Dili no dia 7 de Dezembro de 1975, Xanana está perto da fronteira com o Timor indonésio onde recolhe imagens dos ataques que as forças armadas indonésias já desenvolviam contra o território timorense desde Outubro.
Emília estava em Dili com as crianças; porque qualquer contacto poria as suas vidas em perigo, nunca mais Xanana teve encontros com eles.

/

Na resistência Xanana adopta o nome de Kay Rala Xanana Gusmão. Era, segundo as suas próprias palavras, **"um quadro exclusivamente lançado a organizar as populações, cumprindo as resoluções superiormente tomadas (...) um simples executante"**.

Em 1977-1978, na altura das grandes campanhas indonésias de "cerco e aniquilamento", quando a maioria da população que tinha fugido para as montanhas é dizimada pelos bombardeamentos, a fome e as doenças, Xanana se encontra na Ponta-Leste, onde assume as funções de adjunto do Comissário Político da zona.

Após a morte de Nicolau Lobato, presidente da Fretilin, em 31 de Dezembro de 1978, e o massacre ou rendição de grande parte dos combatentes, Xanana inicia uma longa caminhada que durará quase dois anos. Restabelece o contacto com os grupos dispersos e reorganiza ligações regulares como primeiro passo para a continuação da resistência.

De 1 a 8 de Março de 1981 reúne-se nas montanhas de Timor-Leste uma 'Conferência Nacional da Resistência' que deverá escolher os novos dirigentes e adaptar a estratégia às novas e completamente diferentes condições da luta. É criado o **Conselho**

Revolucionário da Resistência Nacional (CRRN) do qual Xanana é eleito presidente ao mesmo tempo que comandante.em-chefe das Falintil, as forças armadas da Fretilin.

Em 1983 a nova estratégia militar da resistência obteve resultados suficientes para levar o comandante militar de Timor-Leste, coronel Purwanto, a propor negociações. Xanana exige que seja o coronel Purwanto a deslocar-se para um local controlado pela resistência, onde as conversações preliminares se realizam nos dias 21 e 23 de Março. Um cessar-fogo é acordado entre as duas partes mas, para garantir a seriedade do processo, Xanana exige que o Secretário-Geral da ONU seja informado da realização das negociações. A Indonésia não informa o Secretário-Geral e as conversações não podem prosseguir.

Em Junho, três meses depois dos primeiros encontros, o general Murdani, entretanto nomeado comandante-em-chefe das forças armadas da Indonésia, lança um ultimato à rendição dos guerrilheiros e dá um prazo até Agosto. Alguns guerrilheiros que se deslocam desarmados para as vilas e aldeias, tal como tinha sido acordado, são mortos pelos militares indonésios. Em Agosto, antecipando-se à data limite do ultimato do general Murdani, centenas de milicianos armados pelos indonésios para combater os guerrilheiros juntam-se à guerrilha, levando com eles o maior número possível de armas. A Indonésia lança mais de 50.000 soldados para aniquilar a resistência e capturar Xanana, sem sucesso!

Os contactos desenvolvidos entre os guerrilheiros e as populações controladas pelos indonésios durante os meses de cessar-fogo permitiram um melhor conhecimento recíproco. Os primeiros têm agora a certeza de que, sob uma aparente submissão, a população no seu conjunto rejeita a presença dos ocupantes. A população das vilas ocupadas sabe que os guerrilheiros nutrem ideais de libertação da Pátria, mais do que os restos da luta ideológica que tinha exacerbado as relações entre os partidos.
Xanana faz um apelo à **'Unidade Nacional'** e recebe apoios inclusivamente de responsáveis dos partidos outrora opostos à Fretilin. Embora se mantenham nas vilas ocupadas e mesmo nos postos da administração indonésia, alguns deles comunicam a Xanana a sua vontade de participar na luta e colocam-se a sua disposiçaõ.
Também o clero tem um papel importante que Xanana reconhece: **"a nossa luta seria extremamente mais difícil não fosse o indispensável apoio que a Igreja de Timor-Leste tem vindo a conceder e a garantir à Resistência"** *(carta de X. Gusmão a um padre, Junho 86).*

Fortaleceu-se do lado timorense a consciência de que não pode haver uma vitória militar, nem da Indonésia sobre a guerrilha, nem da guerrilha sobre a Indonésia. A solução deve ser política.
A partir de 1987, quando jovens das cidades pedem para se juntarem à resistência armada, Xanana encoraja-os a ficar nas zonas ocupadas e a desenvolver aí uma acção política. É o início das manifestações. Os seus objectivos não são claramente políticos mas este carácter está subjacente: em manifestações reivindicando o acesso aos escalões superiores de ensino em condições de igualdade com os filhos dos indonésios, os jovens timorenses ameaçam ir **"para a escola de Xanana"** se não forem satisfeitas as suas reivindicações.

A luta contra o ocupante é cada vez menos o exclusivo do partido que historicamente foi o motor dessa resistência. É necessário que essa situação se reflicta nas próprias estruturas: **"As Falintil, que há 14 anos surgiram sob os ventos maléficos das divisões, adquiriram durante estes 11 últimos anos o papel verdadeiro que lhes pertence e que visa unicamente a defesa da Pátria, livres de toda a dependência política em relação a qualquer partido que seja. Afirmamos que as Falintil não aceitarão a mínima pressão de indivíduos ou de partidos que procurariam utilizá-las..."** *(X. Gusmão, 5/10/89).* Para que tudo seja mais claro, Xanana anuncia que ele próprio abandona a Fretilin para assumir o seu papel de

comandante-em-chefe das Falintil e presidente do novo órgão director da resistência, o **Conselho Nacional da Resistência Maubere** (CNRM).

Pressionada a nível internacional e confiante na relativa acalmia a nível militar, a Indonésia abre parcialmente o território no dia 1 de Janeiro de 1989. A Indonésia abre assim uma nova frente de combate e fornece aos timorenses uma nova arma. A visita de personalidades internacionais permite dar às manifestações um carácter mais abertamente político; é o que acontece durante as visitas de João Paulo II (Outubro de 1989), do embaixador dos EUA (Janeiro de 1990) e do embaixador do Vaticano (Setembro de 1990). Se as forças armadas não reprimem as manifestações, elas aumentarão rapidamente; se as reprimem perante os visitantes, dão lhes uma divulgação acrescida na opinião pública internacional.

Há anos que Portugal e a Indonésia, com o apoio do Secretário Geral da ONU, negociavam uma visita de parlamentares portugueses à Timor, visita na qual as duas partes tinham inicialmente visto algumas possíveis vantagens. A visita, que seria acompanhada por funcionários da ONU e jornalistas, estava prevista para fins de 1991. Para facilitar o acordo sobre a sua realização, Xanana pediu que fossem suspensas as manifestações até a sua concretização.

Mas tanto a Indonésia como Portugal receiam o que pode acontecer. Cancelada a visita e perdida esta grande oportunidade de chamar a atenção internacional para o seu problema, alguns milhares de timorenses percorrem as ruas de Dili entre a Igreja de Motael e o cemitério de Santa-Cruz em 12 de Novembro, em memória de Sebastião Rangel, morto dias antes pelos militares indonésios. A manifestação pretende tirar proveito da presença em Dili do relator especial da ONU sobre a tortura e de diversos jornalistas, entrados como turistas para dar cobertura à frustrada visita dos deputados portugueses. Esperavam também que a presença de estrangeiros refreasse a repressão da manifestação, mas ela não conseguiu impedir o massacre que levou Timor-Leste ao conhecimento de largos sectores da opinião pública internacional.

Porque a resistência clandestina nas vilas e cidades se tornou tão importante como a resistência armada nas montanhas, Xanana aumenta as suas idas às povoações controladas pelos indonésios, com os riscos que isso comporta.

Em 20 de Novembro de 1992 Xanana é preso em Dili.

/

Nos primeiros tempos depois da prisão Xanana aparece em videos gravados pelos seus carcereiros ou sob o seu controlo. Renega a sua vida de resistente e apela aos seus companheiros de luta para que se entreguem. A Indonésia quer espremer até à última gota o sumo da sua vitória e anuncia um julgamento público. Xanana adopta um posicionamento discreto ao longo do julgamento, onde é assistido por um advogado escolhido pelos seus próprios acusadores, mas adverte os jornalistas presentes que devem assistir ao julgamento **"até ao fim"**.

O **"fim"** é a sua defesa, que Xanana faz pessoalmente, dispensando os serviços do advogado. O resistente, o líder, reaparecem então com toda a sua força nesta defesa que o juiz interrompe e que pronunciou aliás num tribunal do qual os jornalistas tinham sido afastados; mas Xanana conseguiu enganar os seus guardas e mandar para o exterior uma cópia do texto (ver Público, 22/5/93).

A prisão e o julgamento são uma nova nova oportunidade para agitar a questão de Timor-Leste. Diversos Governos, personalidades internacionais (prémios Nobel, bispos, políticos...), organizações internacionais, interveêm em favor de Xanana. Ele recebe a

ordem da Liberdade, o prémio Pen-Club, é proposto no Parlamento Europeu para o prémio Sakharov... Mais de 40.000 portugueses assinam um apelo dirigido à Butros Butros Ghali.

Xanana tornar-se-á o Nelson Mandela de Timor-Leste, disse José Ramos Horta, o representante do CNRM no exterior de Timor. Poderá ser ainda mais incómodo na prisão que o era nas montanhas.

Mas a principal semelhança entre Xanana Gusmão e Nelson Mandela não está no líder preso, reside numa consciência do direito e da justiça que ultrapassa a pertença a um grupo ou um partido e se alarga aos próprios direitos dos adversários.
A personalidade de Xanana Gusmão, a sua liderança reconhecida, a sua fé inabalável no diálogo para resolver os problemas, tornarão a sua presença essencial quando os indonésios quiserem resolver o fundo do problema.

Na prisão Xanana continua a lutar. Fez greve da fome e conseguiu ser transferido duma prisão de delito comum para a prisão de Cipinang onde estão os presos políticos da Indonésia e outros presos políticos timorenses. Xanana quebrou assim o isolamento ao qual as autoridades indonésias gostariam de tê-lo confinado.

Comissão "Liberdade para Xanana, Liberdade para Timor"